



V Colóquio Internacional

"Educação e Contemporaneidade"

ISSN 1982-3657

APRENDÊNCIA(S) NÔMADE(S): Expressões da multiplicidade em Gilles Deleuze

Antônio Vital Menezes de Souzaⁱ
Vinicius Silva Santosⁱⁱ

EIXO TEMÁTICO 14. Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais

RESUMO

Neste artigo analisamos o conceito de multiplicidade em Gilles Deleuze, sua expressividade, ressonâncias e tensões em torno da noção de aprendizagem humana. Inicialmente, nossa primeira intenção é compreender que deslocamentos de conceitos da filosofia deleuziana para os estudos sobre a aprendizagem não devem confundir pensar com reconhecer, diferença com particularidade, nem imagem com representação. O texto está dividido em duas partes. Na primeira parte explicitamos a importância da Nomadologia em Gilles Deleuze, destacando as principais ideias que o compõem. Recorremos à ideia deleuziana de *imagens do pensamento* e situamos as fontes expressivas da criação deleuziana a respeito da Nomadologia: Pierre Clastres, Michel Serres e Spinoza. Na segunda parte do texto, dedicamos à reflexão sobre a multiplicidade como conceito situado dentro da filosofia da imanência, consolidada como expressão fabril do devir, através da qual exploramos heuristicamente a aproximação das ideias deleuziana com o campo da aprendizagem humana. Esse texto faz parte do conjunto de produção intelectual realizada no SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea da Universidade Federal de Sergipe.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Nomadologia. Multiplicidade

RESUMÉ

Cet article examine la notion de multiplicité dans Gilles Deleuze, son expressivité, les résonances et les tensions autour de la notion de l'apprentissage humain. Au départ, notre intention comporte la compréhension où le déplacement des concepts de la philosophie deleuzienne à des études de l'apprentissage ne doit pas être confondu avec la pensée qui reconnaître les différences pures ou avec la représentation des images. Le texte est divisé en deux parties. Dans la première partie, nous soulignons l'importance de nomadologie de Gilles Deleuze, en soulignant les idées principales qui la composent. Nous lançons un appel à l'idée de l'image et la pensée de Deleuze nous situer les sources importantes de création sur

nomadologie deleuzienne: Pierre Clastres, Michel Serres et Spinoza. Dans la deuxième section, est consacrée à la réflexion sur la multiplicité en tant que concept dans la philosophie de l'immanence, la fabrication consolidés comme une expression de devenir, à travers lequel nous explorons heuristiquement le rapprochement des idées deleuzienne dans le champ de l'apprentissage humain. Ce texte fait partie de l'ensemble de la production intellectuelle, tenue à SEMINALIS - Groupe de Recherche en Technologie Intellectuels, Médias et l'Éducation Contemporaine, appartenant à l'Université Fédérale de Sergipe.

MOTS CLÉS: Apprentissage. Nomadologie. Multiplicité

INTRODUÇÃO

Gilles Deleuze (1925-1995), ao longo de sua vida, tornou-se uma das mais célebres personalidades do século XX. Grande parte de sua existência foi dedicada à crítica radical dos sistemas filosóficos fechados, enclausurados por princípios e regras totalitárias, autoritárias e impositivas. O pensamento, a existência, a vida e a cultura estiveram sempre em pauta em suas discussões, contrastados por olhares enviesados, transpostos por limites de compreensão cada vez mais fluidos, “desolidificados e liquefeitos¹”, através de sua retórica e obra. Uma obra de rica expressividade, demarcada por uma filosofia tipicamente singular: minuciosa, cautelosa, inventiva.

A expressividade do pensamento deleuziano instaura-se contra o predomínio do paradigma identitário na filosofia. Uma filosofia da diferença e da multiplicidade vai se formulando e se tornando cada vez mais intensa à medida que a produção e a divulgação de sua obra se propagam. A filosofia deleuziana vai se constituindo como um potente discurso contra os grilhões da representação e da identidade. A luta incansável desse intelectual tem suas origens demarcadas pelo período sufocante das duas grandes Guerras Mundiais. Gilles Deleuze é, ao mesmo tempo, uma vida singular apaixonada pela estetização da existência e um homem circunscrito aos ditames da força bélica, de tal modo que sua produção intelectual vai ser sustentada por um projeto audacioso, concretizado por atitudes de guerrilha. Uma guerrilha entendida não como uma imposição de armas de fogo, bombas atômicas, extermínios de vidas humanas. Ao contrário, sua filosofia consiste em uma provocação inventiva, em discutir o pensamento como uma máquina de guerra: guerra de pensar radicalmente o próprio pensamento. Guerrilha sustentada por um pensar nômade e múltiplo. Sua preocupação alimentou a busca de um pensamento criador que pudesse suportar e

¹ Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, professor emérito das Universidades de Leeds e de Varsóvia, no seu livro *Modernidade Líquida* (2001) afirma que “hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes” em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um formam desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir (...). Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo...”(p.14)

entender o desfazimento, a desmontagem, o devir, o sumiço do concreto e a abolição da idealidade a ser copiada, seguida, modelada.

A vida de Deleuze é constituída por acontecimentos marcantes. Os estudos no Liceu Carnot e, posteriormente, o ingresso no curso de filosofia da Sorbonne, foram decisivos para a constituição das suas críticas apontadas ao pensamento immobilizado pelos “grilhões” da identidade. No ano de 1944, Deleuze inicia uma série de contatos que irão influenciar na elaboração de uma das mais notáveis filosofias do século XX. Ferdinand Alquié (1906-1985), Jean Hippolyte (1907-1968), Maurice de Gandillac (1906-2006), Michel Tournier (1924-****), François Châtelet (1925-1985), Jacques Lacan (1901-1981), dentre outros intelectuais, fizeram parte da construção de mosaicos que compuseram as fontes de origem de suas leituras e interpretações filosóficas. Em 1947, sob a orientação de J. Hippolyte (1907-1968) e G. Canguilhem (1904-1995), ele conclui os estudos avançados sobre David Hume (1711-1776).

Desde então, sua atividade profissional tornou-se intensa. Em 1948, é aprovado no concurso para ingresso no magistério em filosofia. Até meados de 1957, mantém-se como professor nos liceus de Amiens, Orléans e Louis Le-Grand, em Paris, quando se torna professor assistente na Sorbonne na área da história da filosofia. Entre 1957 e 1969, fica encarregado pelo ensino de filosofia da faculdade de Lyon e pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique* - CNRS. Nesse período, ele publica *Le Bergsonisme* (1966) e dois anos mais tarde, em 1968, a tese principal de seu doutoramento intitulada *Différence et Répétition*², sob a orientação de Maurice de Gandillac³.

Em 1969 é nomeado professor da Universidade de Paris VIII – Vincennes. Pela primeira vez encontra Felix Guattari e colabora com Michel Foucault no *Group Information Prison*, dedicando-se somente à escrita nesse período, até meados de 1980⁴. Todavia, apesar de inúmeras publicações e do progressivo avanço teórico demonstrado em suas obras, a década de 80 será vivida de modo muito angustiante por Deleuze. Em 1984, morre um dos

² Silvio Gallo (2003: p. 14) destaca que, numa entrevista intitulada *Abecedário de Gilles Deleuze*, são encontradas referências sobre o instante de defesa da Tese em 1968, na Sorbonne. Nesse contexto, narra que a defesa de Tese de Gilles Deleuze foi a primeira após a manifestação de maio de 1968. Os membros da banca estavam numa situação muito tensa: eles estavam preocupados em observar se haviam manifestantes por perto, temendo irromperem com interferências violentas a apresentação. Mas tudo ocorre bem e Deleuze é aprovado conforme as normas da instituição.

³ Deleuze escreveu também, nesse período, uma tese complementar intitulada *Spinoza et le problème de l'expression* sob a orientação de Alquié.

⁴ Nesse período Deleuze escreve sobre uma gama considerável de assuntos. Publica em 1980, em coautoria com Felix Guattari *Mille Plateaux – capitalisme et schizophrénie*; E individualmente publica *Spinoza, philosophie pratique* (1981); *Francis Bacon. Logique de la sensation* (1984); *Cinéma 2. L'image-temps* (1985); *Foucault* (1986); *Le pli. Leibniz et le baroque* (1988).

seus principais interlocutores: Michel Foucault. Em 1987, aposenta-se pela mesma Universidade de Paris VIII – Vincennes a Saint-Denis⁵.

Durante os anos 90, a vida e obra desse pensador extemporâneo e marginal, continuam sendo impulsionadas pelo desejo de romper com os limites do pensamento identitário atrelados à arte, à ciência, à filosofia. Um das principais acontecimentos, nesse período, foi a escrita da obra *O que é a Filosofia?* no ano de 1991, em parceria com Guattari. Um ano mais tarde, em 1992, morre Guattari. Os três anos posteriores à morte de Felix Guattari foram vividos por Deleuze de maneira intensa e avassaladora: a sua insuficiência pulmonar se agrava, impossibilitando-o de continuar produzindo, escrevendo, estudando. Deleuze, em 1995, é levado a interromper todas as suas atividades e relações sociais. Infelizmente, em 04 de novembro desse mesmo ano, ele morre, jogando-se da janela de seu apartamento em Paris.

Gilles Deleuze teve uma carreira bastante solitária, circunscrita a poucas parcerias intelectuais. Foi um filósofo afastado dos grandes públicos e da mídia. Pouco se viu Deleuze, durante grande parte de sua vida, em espaços públicos afeitos ao debate, à exposição constante de conferências e palestras. Entretanto, dentro do panorama intelectual de nosso tempo, ele ocupa um lugar singular. Apesar de sua obra não ser tão volumosa quanto a dos seus contemporâneos, ele talvez seja o mais citado de todos os filósofos dos últimos cinquenta anos. No meio artístico ou político, principalmente nos grupos de “minorias”, o pensamento de Gilles Deleuze não se torna tão solitário e indecifrável. Na França, especialmente, sua popularidade era muito próxima à atribuída em outros países a filósofos como Lyotard (1924-1998) e Foucault (1926-1984).

Deleuze é um pensador muito difícil de obter em sua obra e pensamento o entendimento imediato após uma primeira leitura. Não porque sua escrita seja inacessível e suas elaborações conceituais infundáveis, mas porque sua obra se caracteriza, sobretudo, por uma produção de pensamentos nômades. Ele consegue, ao mesmo tempo, fazer do pensamento um fluxo, cujo devir se assemelha à vida, e, de suas ideias um aporte para o caminhar do homem sobre espaços lisos, distanciando-se das metafísicas, da transcendência absoluta e da ordenação soberana peculiar à lógica aristotélica. Sua filosofia, como já foi dito anteriormente, rompe com os modelos de razão clássica e experimenta lançar-se à potência criadora do pensamento. Os conceitos, para Deleuze, são o ponto de partida para o anúncio

⁵ A Universidade de Paris VIII é fruto da reforma universitária do governo francês ocorridas após o movimento “maio de 1968”. Consistiu em dar as universidades a possibilidade de serem regidas por princípios de autonomia, pluridisciplinaridade e participação de seus usuários. Gallo (2003:15) afirma que “Vincennes é o primeiro “Centro Experimental” criado, justamente com o objetivo de promover novas perspectivas de produção e ensino acadêmicos (...).”

radical da necessidade de se libertar o pensamento das amarras da representação clássica e da função cognitiva ou do reconhecimento da semelhança.

A filosofia da diferença é uma filosofia do desfazimento, filosofia da multiplicidade e da construção incessante. Das inúmeras características que possui, a filosofia da diferença se destaca por ser uma disciplina rigorosa que provoca a invenção de conceitos. Não obstante, os novos conceitos são, de fato, novos, na medida em que, durante o processo de sua criação, seja remetido a outros conceitos, tornando-se conectado à sua história e ao devir de suas conexões presentes. Daí porque o conceito não surge do nada e o conceito de diferença pura tenha suas relações estreitas com um conjunto complexo de outros conceitos. O conceito não é criado do nada.

Por fim, não é fácil apreender em um primeiro contato, como Deleuze, a partir do conceito de diferença, nega a representação, nega a defesa às identidades e à transcendência absoluta e coloca como ponto central do pensamento, a multiplicidade, o diferente, o dísparo. Um dos objetivos deste artigo é explicitar como esses conceitos estão articulados entre si e analisar as potencialidades de aproximações com o campo da aprendizagem humana. Posteriormente, pretendemos estabelecer, através destes mesmos conceitos, as devidas relações com o campo da educação e da formação de professores. Por isso mesmo, um dos primeiros esforços é compreender que o exercício de pensamento aqui anunciado, através de deslocamentos de conceitos da filosofia deleuziana para os estudos sobre a aprendizagem e a educação, não deve confundir pensar com reconhecer, diferença com particularidade, nem imagem com representação.

1 NOMADOLOGIA AO ESTILO DELEUZIANO

Um dos pilares conceituais da filosofia de Gilles Deleuze é a constituição da Nomadologia. Um dos pontos de partida relevante nesse cenário é a compreensão segundo a qual a Nomadologia é uma arquitetura inventiva que prenuncia o exercício da micropolítica em campos e território hegemônicos através do dispositivo da resistência e do agenciamento como máquinas de guerra. Trata-se da guerra do pensamento contra a hegemonia do *Mesmo*, do *Idêntico* e do *Semelhante*. Por isso mesmo é construção política exercitada nos espaços da filosofia contemporânea que submete à radicalização do pensamento toda e qualquer segmentariedade. A construção filosófica, genuinamente deleuziana, está relacionada à produção maciça de conceitos novos com intercessores distintos. Para Deleuze, toda obra tem seus intercessores. Os intercessores na Nomadologia são os conceitos e os personagens

conceituais que pululam no plano de imanência que os instaura. A Nomadologia se referenda pela dialogia e intercessão com Félix Guattari mediante concepção pautada por uma filosofia da imanência e do acontecimento. Em Deleuze, o conceito de imanência expressa a multiplicidade que somos, sem que a detenhamos nas conjecturas da variedade, da multiplicação e da reproduzibilidade dos entes. Multiplicar é reproduzir o *Mesmo* em grau de escalas; multiplicidade é univocidade e imanência que reencontra a singularidade, a novidade e a invenção.

A Nomadologia é um tratado de guerra contra a entusiasta substituição dos entes por suas particularidades, eivada pelos mecanismos da representação. Para Deleuze e Guattari, o pensamento nomadológico atravessa com sua potência criativa os meios sociais na invenção do novo e na produção de intensidades. Tal nomadismo constitui-se como elemento subversivo, irredutível e contraposta aos Aparelhos de Estado que exprimem poder, controle e referencialidade unitária. Nomadologia é produzida como práticas em fluxos e de intensidades poéticas que funcionam como dispositivos de potencialização da vida individual, coletiva, social, cultural e política. Não mais está no centro do debate a produção e o controle da subjetividade, mas as políticas de subjetivação. Nesse sentido, somente há uma postura nômade quando existe a capacidade de criar novos territórios de agenciamento de tal modo que se reterritorializar culmine no movimento intenso de desterritorializar a própria existência.

O nomadismo constitui uma pragmática da Nomadologia. É pragmática porque se exprime como modos de existência, devir e heterogeneidade que se opõe à repetição do *Idêntico*. É a fronteira e o intermédio que instaura a dinâmica da Nomadologia como práxis política. É preciso estar no mundo-de-fronteira para que possa emergir a singularidade. Exatamente é nos fenômenos fronteiriços que encontramos a Nomadologia como atividade bélica que exerce pressão sobre as políticas do Estado e explicita as micropolíticas dos *afectos* e dos *percepto*. Lê-se:

Deleuze e Guattari consideram o nomadismo como máquina de Guerra justamente por ser inalienavelmente relacionado com esse Fora, o qual não foi capturado. O Fora, ou espaço liso, constitui um território que, como já dito, é um não-lugar, ou melhor, é um território da existência, um lugar existencial. A vinculação da vida é, pois, com um itinerário. O que importa é o constante caminhar, que abre os poros, alivia os pulmões, permite que o sangue flua, dá energia e disposição para continuar a caminhar. Por tal relação com o Fora, este espaço liso é contraposto ao espaço estriado e sobrecondicante do Aparelho de Estado. Porque o Estado capitalista é o regulador dos fluxos descodificados, enquanto apanhados pela axiomática do capital. Como estar sempre estático em um território é condição necessária

para a existência de um Estado, ele nunca será verdadeiramente nômade (VIEIRA, 2009:109).

Quando nos referimos ao nomadismo como parte da pragmática da Nomadologia efetuamos uma articulação minuciosa com a referência aos nômades e seus estilos de vida. É válido destacar que a micropolítica premente de toda ação nômade é distinta da ação de uma instituição militar. Por isso mesmo, para compreender a Nomadologia, a máquina de guerra, é preciso falar de nomadismo, pois, “a máquina de guerra é invenção dos nômades” (Deleuze e Guattari, 1980: p. 471). Nessa direção, comprehende-se que uma máquina de guerra é sempre exterior às diversas formas de Estado surgidas ao longo da história; comprehende-se que a máquina de guerra está associada aos estilos de vida nômade e à fabricação dos estratos políticos de subjetivação que agenciam a multiplicidade presente no dinamismo da vida para torna-la entidade fixa, idealidade que copia em série as particularidades dos entes, estamentos de permanência, variedade e multiplicação.

Para Deleuze e Guattari são três os axiomas da Nomadologia, dispostos em quatro proposições. O primeiro axioma afirma é que “a máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado” (idem: p. 434). A primeira proposição é que a exterioridade, o mundo-do-Fora, engendra-se como micropolítica fecunda ante a segmentaridade e a multiplicidade. O segundo axioma diz respeito às seguintes proposições: a exterioridade da máquina de guerra é atestada também pela etnologia e essa mesma exterioridade é ainda atestada pela epistemologia. Etnologia e epistemologia formam, portanto, a segunda e terceira proposição no segundo axioma. O terceiro axioma é encontrado na proposição quatro quando os autores buscam extrair de uma análise das imagens que o pensamento elabora acerca de si mesmo (imagens sobre o que é pensar), uma nova ilustração para o axioma apresentado. Em Deleuze chamamos de *noologia* o exercício de pensar o pensamento.

Nessa perspectiva, uma das principais tarefas da filosofia contemporânea é criar conceitos e desenvolver posturas de guerrilha de pensamento contra qualquer idealidade permanente, imutável e multiplicada. Com o exercício da Nomadologia surgem alguns questionamentos, inevitáveis: a) “há algum meio de conjurar a formação de um aparelho de Estado ou de seus equivalentes?” (ibidem, p. 441); b) “há algum meio de se subtrair o pensamento do modelo de Estado?” (ibidem, p. 445). Todavia, vale destacar que “a máquina de guerra é de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem que o aparelho de Estado” (MP, p. 436). Lê-se, ainda:

“Não basta afirmar que a máquina é exterior ao aparelho, é preciso conseguir pensar na máquina de guerra como sendo ela própria uma pura forma de

exterioridade, enquanto que o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou pela qual temos o hábito de pensar” (DELEUZE E GUATTARI, 1980: p. 438).

Na filosofia deleuziana o deslocamento de centralidades de ideias torna-se necessário. Toda ideia deve ser descentrada de um único sentido. Logo, a afirmação de que um Estado se define pela existência de um ou mais chefes não tem ressonância em Deleuze e Guattari. Parafraseando os autores supracitados, a definição de Estado envolve o movimento de perpetuação ou conservação de órgãos de poder. Sendo assim, entende-se com maior profundidade o conjunto de inspirações deleuzo-guattariniana quando se explicita que a preocupação central do Aparelho de Estado é *conservar*. Entretanto, cabe-nos explicitar meandros importantes dessa problemática.

Vale ressaltar que as políticas hegemônicas dos Aparelhos do Estado capturam sub-repticiamente as subjetividades tornando-as segmentárias. Trata-se de um processo político de infiltração ideológica de natureza ínfima e pormenorizada, quase invisível e imperceptível nas tensões de resistência política entre os coletivos, as estratificações do Estado e as instituições. Há, sobretudo, esse plano de operatividade política quando as mesmas instituições (ou agregados ideológicos em sua forma de organização coletiva) definem por “aceitar as contradições de seu próprio sistema” de modo a garantir o direito democrático de participação em decisões políticas. In corre-se no sair-do-Fora para o mundo-de-Dentro das instituições. Esse processo ocorre quando, na busca de participação política a compreensão é guiada pela captura dos agentes de negação da hegemonia e propulsores da resistência em suas micropráticas de sentido e de operação sobre o *real-social*. Ante o processo de criação e invenção, emerge a captura das subjetividades pelos Aparelhos de Estado, proferindo a homogeneização dos encontros e a replicação das normas, apenas pela via dos opositos, da dialética obscura, capaz de simular um nomadismo ilusionista, porém, incrustando o aprisionamento do devir em sua heterogeneidade e estancando os processos de subjetivação revolucionários. É preciso pensar e agir na fronteira, no mundo de Fora-Dentro: o mundo das dobras.

A Nomadologia é uma construção filosófica intrigante. Inscrita como máquina de guerra é elaborada contra a emergência da forma-Estado através dos princípios da etnologia, da epistemologia e da noologia inspiradas, respectivamente, em Pierre Clastres (1934-1977), Michel Serres (1930- *****) e Spinoza (1632-1677). Isso significa afirmar que grande parte da

construção da Nomadologia se deve à reinvenção de conceitos oriundos de campos distintos como a *etnologia* de Clastres, a *epistemologia* de Serres e a *monadologia* de Baruch Spinoza.

A etnologia de Castres é o fundamento da antropologia política contemporânea. Pierre Clastres nasceu em Paris em 1934 e faleceu em 1977 num acidente de carro. Foi fundador da antropologia política e uma importante personalidade no mundo científico. Clastres foi diretor de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS*, Paris, e, membro do *Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France*. Realizou pesquisas de campo na América do Sul entre os índios Guayaki, Guarani e Yanomami. Suas principais obras são: *Crônica dos índios Guayaki*, publicada em 1972; *A sociedade contra o Estado*, publicada em 1974 e *A fala sagrada - mitos e cantos sagrados dos índios Guarani* publicada no mesmo ano. No livro *Arqueologia da violência - ensaios de antropologia política* (1980), foram reunidos artigos após a sua morte.

A principal fonte de inspiração de Deleuze e Guattari na sistematização da Nomadologia advém da aproximação com os estudos sistematizados por Pierre Clastres entre os anos de 1962 e 1974. Esse período corresponde ao lançamento da obra intitulada *Sociedade contra o Estado*. Trata-se da coletânea de onze artigos publicados sobre antropologia política. No corpo da obra o autor analisa a reviravolta ocorrida nas ciências humanas, propiciada na década anterior por autores franceses como Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault e Gilles Deleuze.

Clastres, parte do pressuposto segundo o qual é preciso produzir crítica contundente e voraz à Razão política empreendida no Ocidente. Em sua perspectiva, a razão política ocidental torna-se refém dos engenhosos mecanismos de dominação e subordinação. Para ele a sociedade civil pode prescindir da figura do Estado. É através de suas pesquisas sobre experiência de boa parte dos povos indígenas da América do Sul que ele elabora sua teoria de antropologia política. A sua proposição é autêntica e desafiadora: até que ponto essas sociedades podem ser ditas igualitárias? Nessa direção, Clastres provocaria análises tensivas sobre a natureza do poder político.

Existem pelo menos três importantes proposições na antropologia política de Pierre Clastres. A primeira proposição afirma que existe a possibilidade da existência de um chefe sem concentração de poder; a segunda proposição especifica que são as relações de poder que definem as classes sociais e não as classes sociais que dominam as relações de poder, e, por fim, a escolha da liberdade pela recusa à subordinação. Esse deslocamento de sentidos,

advindo da pragmática dos povos indígenas, absorve grande parte da produção de Clastres e influencia a Nomadologia deleuzo-guattariniana.

Para explicitar melhor esse argumento, Clastres se utiliza da figura que serviria de inspiração a tais proposições: a figura do chefe indígena. Sendo assim, trata-se de figura certamente genérica, autoridade que não detém poder algum, ocupando espaços de “prisioneiro do grupo”. Para Clastres esse chefe está submetido a uma série de obrigações que pressupõem certas habilidades, dentre as quais, as mais importantes são a generosidade e o dom da oratória. Em síntese, o chefe indígena é aquele que pode e sabe falar. Essa sua fala reúne os homens ao seu redor sem, no entanto, mostrar-se eficaz para cooptá-los, pois não tem poder de mando, mantém o chefe numa posição de poder que é de fato aparente.

O argumento de Pierre Clastres vai mais longe. Não se trata simplesmente de afirmar que o chefe indígena não detém o poder, pois, para o autor, a sociedade indígena não é estranha ao poder. O chefe não detém o poder porque é impedido pela própria sociedade, essa sim a detentora de certo poder, que não consegue, no entanto, constituir-se como esfera política separada - ou seja, como Estado. O poder ali permanece difuso. Suas pesquisas de campo foram realizadas em sociedades indígenas sul-americanas, como os Guayaki, Guarani e Chulupi - todos do Chaco Paraguaio -, os Yanomami da Venezuela e os migrantes Guaranis mbyá das redondezas da cidade de São Paulo.

A *epistemologia* de Serres tem origem em uma ampla e potente construção pessoal no campo das ciências e da filosofia. Michel Serres possui desde seu nascimento forte envolvimento com as questões da política, da técnica e das relações sociais. Descendente de marinheiros e camponeses, sua infância foi marcada por conflitos bélicos ocorridos na Espanha em 1936, a *Guerra Relâmpago* (Blitzrieg) em 1939, os incessantes movimentos de libertação política na França, o desencanto com a formação científica após o massacre histórico de Hiroshima (1945), dentre outros. De maneira intensa, o centro de suas primeiras incursões na filosofia será a questão da violência.

O itinerário formativo de Michel Serres tem início em 1947. Ingressa neste mesmo ano na Escola Naval através da licenciatura em matemática que, desde então, emerge a possibilidade de encontrar na literatura, nos estudos das humanidades, a potência da filosofia como expansão política do pensamento. Em 1955 adquire o título de filósofo. Catorze anos mais tarde, em 1968, conclui seu doutoramento sob a orientação de Gaston Bachelard, envolvendo-se no trabalho de pesquisador e docente nas universidades de Clemont-Ferrand e

Vincennes Paris-VIII, construindo parcerias com personalidades importantes no cenário da filosofia francesa, a exemplo de Michel Foucault (1926-1984).

A multiplicidade de campos e objetos de estudo desenvolvidos por Serres ao longo de sua trajetória filosófica é impregnada pela busca da autonomia do pensamento na construção de sua matéria prima: ideias, conceitos e suas relações. Serres envolve-se desde a análise de modelos matemáticos, começando por Leibniz, em obras como *O nascimento da Física no texto de Lucrécio* (1977). Entre 1969 e 1980 publica uma série que tem como foco a comunicação. Utiliza-se do mito grego *Hermes* com a finalidade de ampliar a noção fundamental de compreensão no mundo contemporâneo. Essa série terá cinco volumes: I. *A Comunicação* (1969); II. *A Interferência* (1972); III. *A Tradução* (1974); IV. *A Distribuição* (1977); V. *A Passagem do Noroeste* (1980). Nessa série, Serres irá fazer inúmeras reflexões sobre a ciência. Na década de 80, Serres irá publicar livros como *O Parasita*, no qual ele explora o problema da violência, da mudança de meios na perpetuação da barbárie. Em 1990 escreve *O contrato Natural*, tratando da relação homem-natureza; em 1991, *O terceiro instruído*, momento relevante nas produções de Serres porque se deterá na reflexão sobre a educação e a mestiçagem cultural. Por fim, entre 1991 e 1993 a convite da primeira ministra Edith Cresson, que de 1991 a 1993 formulou propostas de ensino à distância e elaborou softwares. Foi um dos períodos em que ele teve mais aproximações com Pierre Lévy (1956-****) está na discussão contemporânea sobre as mídias e a educação, televisão e educação à distância.

A filosofia de Serres que influencia a produção deleuziana é exatamente o que ele chama de “fora das autoestradas”. Autoestrada são os grandes caminhos abertos por um filósofo, um pensador, ou ramo do conhecimento. São os caminhos pré-estabelecidos onde os novos intelectuais encontram terreno farto para caminhar. Foi desse caminho que Serres se distanciou propositalmente. Outro elemento importante é a crítica à filosofia cartesiana em oposição às defesas da abertura da ciência para a intervenção, ou, nas palavras do filósofo, para a tradução, comunicação e interferência é condição essencial para a sua sobrevivência e seu fortalecimento. Esse fortalecimento se dá pelas redes que se forma pelos diversos ramos do conhecimento. Entrelaçados, tencionando-se mutuamente, encontrando conexões e se fortalecendo. Os locais dessas conexões, dessas relações e das passagens são os locais de *mestiçagem*.

Em complementação, a *monadologia* de Baruch Spinoza inscreve-se de modo imponente no escopo da filosofia deleuziana. Para compreender a filosofia de Deleuze é

preciso a aproximação com outros pensadores a exemplo de Spinoza. Mas, o que é a Monadologia em Spinoza? Trata-se de um vigoroso sistema de pensamento segundo o qual se encontram os seguintes temas centrais: a univocidade e a imanência. Nesse sentido, para Spinoza existe uma única substância para todas as coisas, sejam elas materiais ou imateriais. Deus seria esse ser. Mas sua natureza é imanente, possuindo inúmeros atributos infinitos. Não há a preocupação de distinguir Deus, os homens e as coisas, em Spinoza. Tudo é a substância imanente que é a causa de todas as coisas, inclusive de si mesmo. Em outras palavras, tudo é Deus: verdadeiras fontes de toda a existência para todo conhecimento. Fora dessa substância primeira, nenhuma outra substância pode ser concebida. Então, o que é o homem num mundo onde existe uma única substância?

A questão de uma única substância, entretanto, não nos impõe a sujeição da ideia de diferença a um modelo representacional clássico. Uma coisa é afirmar que somos todos uma única substância de natureza inalterável; outra, que a substância que somos é a própria condição de, em si, imanente, manifestar-se como extensão e modo de ser de Deus. Por isso, num mundo onde existe uma única substância, o homem é a expressão de infinitos atributos infinitos, pura produção. O homem, enquanto expressão da substância única, somente conhece dois dos atributos de Deus: o atributo do pensamento e o atributo da extensão. Nesse sentido, Deus é pura potência e pura produção. O pensamento é um atributo de Deus e não uma faculdade humana. Por isso, em Spinoza, o homem não existe em si mesmo. Mas, como modos de Deus.

A leitura do Segundo Parte da *Ética* (1988), escrito por Spinoza, é possível encontrar algumas referências que delineiam com maior clareza a natureza do imanente. De início, é válido reafirmar que os atributos (a exemplo do pensamento e da extensão) não são causados por Deus, mas sua essência. Insistimos: a substância possui infinitos atributos infinitos. Em Spinoza é o conceito de *Natureza Naturante* e *Natureza Naturada* que permitem mais bem compreender a condição do homem e das coisas como *imanência*. Lê-se, pois, que “a *Natureza Naturante* é o que existe em si e é concebido por si, ou, por outras palavras, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto é considerado como causa livre” (Espinosa, *Ética*, I, proposição 29, escólio).

Nessa perspectiva a *Natureza Naturada*, então, abarca todos os modos da substância, dentre eles, o homem e os seus pensamentos. Todavia, os modos de ser de Deus podem ser finitos e infinitos. Quando finitos, os modos de Deus expressam de maneira certa e determinada a essência de Deus. E, Deus, nesse caso, vai se expressar em modos, ou seja, em

seus efeitos. Mas, onde quero chegar? No enfoque dado por Spinoza sobre o paralelismo dos atributos. Os atributos não são de modo algum redutíveis ou dependentes, mas, paralelos. Tudo que se passa no atributo da extensão se passa no atributo do pensamento.

Em síntese, Espinosa situa o homem a partir dos conceitos de substância única imanente, considerando os atributos, as variadas formas de expressão ou modos de ser (finitas e infinitas) e do paralelismo entre os atributos. O homem será pensado na sua relação com os outros existentes. O homem como todo e qualquer existente, será um modo que exprime de maneira certa e determinada, a essência de Deus: a imanência. Nesse sentido, Deleuze explicita que, em Spinoza, se Deus é pura produção, puro ato criativo, toda ideia em Deus, não é outra coisa senão a ideia de um *singular em ato*. Mas o fato de apresentar Deus como um tipo específico de hierarquização dos existentes, não anulou o rompimento causado por Spinoza com a ideia de um Deus transcendente. O Deus imanente de Spinoza modifica a relação do homem com os demais existentes. A existência passa a ser um problema ético, substituindo a questão da moral e da lei. Observe-se:

“O que importa, para Espinosa, é determinar aquilo que é bom ou aquilo que é mal para um existente. Sem dúvida, essa questão parece ser vital para a ética espinosista. Afinal, os corpos estão necessariamente em relação uns com os outros, estão perpetuamente se agenciando. E isso, evidentemente, se justifica pelo fato de que tudo o que existe expressa uma mesma natureza, uma mesma substância. É claro que nem todos os agenciamentos são possíveis, mas o que importa é que a existência será pensada em termos de composições e decomposições. (...) Os encontros determinam a existência” (SCHÖPKE, 2004: 97)

Nessa direção, queremos destacar e colocar em evidência algumas teses encontradas na teoria espinosiana que são fundamentais na construção do conceito de Nomadologia. A primeira delas é a questão do encontro e/ou do processo de afetar ou ser afetado entre os existentes. Esses encontros produzem ora um aumento, ora uma diminuição da potência de agir dos corpos. A segunda é que toda potência é a própria essência dos seres, ou, dito de outra forma, seu poder de ação. Potência e ação andam juntas. A terceira tese é não sendo o homem dotado de uma vontade livre ele deve se esforçar para aumentar o seu poder de ação, agenciando-se, produzindo-se, em direção às relações estabelecidas com os demais existentes. Por fim, o interesse de Deleuze na obra espinosiana é muito acentuado. Dela são reinventados o conceito de univocidade (a diferença como substância singular), de agenciamento, de potência e dos modos de ser como expressão da imanência da substância única, possuidora de infinitos atributos infinitos. Assim sendo, partiremos em direção das aprendências nômades.

CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS: aprendências nômades

O texto apresentado envolveu-se mais intensivamente com as questões filosóficas do que com a fiduciária alienação com o campo pedagógico. Acreditamos que se torna cada vez mais necessário explicitar a importância da Nomadologia em Gilles Deleuze para o campo educativo, destacando as principais ideias articuladas entre si a respeito do movimento necessário ao pensamento como veio da multiplicidade e da *imanência*, sem necessidade de pensar o próprio movimento, evitando-se enclausura-lo na cadeia de raciocínios dedutivos e/ou indutivos, postergados à generalização das potencialidades que os conceitos de intensidade e multiplicidade fazem emergir: a invenção do mundo, a invenção de si e das relações rizomáticas com o desejo de mundo. Para isso, recorremos à ideia deleuziana de *imagens do pensamento* e situamos as fontes expressivas da criação deleuziana a respeito da Nomadologia: Pierre Clastres (1934-1977), Michel Serres (1930-****) e Baruch Spinoza (1632-1677).

Finalmente, torna-se imprescindível voltar-se à reflexão sobre a multiplicidade e suas relações com o campo da aprendizagem humana. Entendemos que a multiplicidade é um dos conceitos centrais da produção intelectual de Gilles Deleuze e que articula elementos singulares dentro da filosofia contemporânea. Trata-se de um conceito situado dentro da filosofia da imanência, consolidada como expressão fabril do devir. Parafraseando Deleuze, a multiplicidade maquia o devir e o devir expressa a multiplicidade através da rusticidade da lógica do sentido. Por isso, assumimos a multiplicidade como uma espécie de voz que impulsiona a realização da *diferença pura* em intensidade, expressão, planos de fuga e fluxos de força. A multiplicidade como deslocamento do sentido torna-se eufemismo filosófico porque *sentido* e *multiplicidade* contorcem-se através das imagens do pensamento como *puro devir*. Por fim, produzimos tensões entre a ideia de aprendizagem humana como elemento complexo, cognitivo, social, biológico e político através das noções de *percepto* e *afectos* em Gilles Deleuze. Assumimos a recusa aos princípios da representação e da cognição como sistemas que se somam aos moldes tradicionais da memória e da produção da memória-vida. Assim sendo, as aprendências nômades se constituem como entroncamentos do sentido *en passant* dentro do arcabouço de uma geofilosofia crítica e voltada à multiplicidade.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Prefácio de José Gil. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.

_____. **Empirismo e Subjetividade**. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001^[1a. reimpressão em 2004].

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, 34, 1992^[4a. reimpressão em 2004].

- _____. **A dobrA**: Leibniz e o barroco. 2^a. ed. Trad. Luiz Orlandi. Campinas, Papirus, 1991.
- _____. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo, 34, 1999.
- _____. **Nietzsche**. Trad. Alberto Campo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001.
- _____. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 4^a. ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2003^[2a. reimpressão].
- _____. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997^[2004].
- _____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. **Spinoza**. Philosophie pratiques. Paris: Minuit, 1981.
- _____. **Francis Bacon**. Logique de la sensation. Paris: Seuil, 1984.
- _____. **Cinema 2. L'image-temps**. Paris: Minuit, 1985.
- _____. **Foucault**. Paris: Minuit, 1986.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. 2^a. ed.. Trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro, 34, 2004^[3a. reimpressão em 2004].
- _____. **Mille plateaux**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- _____. **Kafka – pour une littérature mineure**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1975.
- _____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 1). Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995^[3a. impressão em 2004].
- _____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 2). Trad. Ana Lucia de Oliveira Aurélio e Lucia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995^[2002].
- _____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 3). Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996^[3a. impressão em 2004].
- _____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 4). Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1995^[3a. impressão em 2004].
- _____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 5). Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caifa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença**: Deleuze, o pensador nômade. São Paulo: Edusp, 2004.
- VIEIRA, Rafael A. K. **Os modos contemporâneos de gestão do espaço urbano e a invenção de si**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, 2009.

ⁱ Doutor em Educação. Professor de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento da Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Educação, São Cristóvão, Sergipe. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Mestrado e Doutorado), PRODEMA/UFS. Líder do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).

ⁱⁱ Mestre em Educação. Pedagogo. Especialista em Comunicação e Novas Tecnologias. Pesquisador e Membro do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).